
Negros em terras de gringos: fluxos migratórios e pertencimentos territoriais no Rio Grande do Sul (RS)

Niger in gringos' land: migratory flows and territorial properties in the RS

Cristiano Sobroza Monteiro*
Maria Catarina Chitolina Zanini**

Resumo: Neste artigo, propomo-nos a refletir sobre a migração de moradores da comunidade remanescente de quilombos Arnesto Penna Carneiro, de Santa Maria – RS, que, após se deslocarem em busca de trabalho para a cidade de Caxias do Sul – RS, por diversas razões, acabaram retornando ao seio comunitário. Trata-se de um estudo etnográfico que mostra como ocorre o processo de constituição da identidade desses migrantes, partindo do estabelecimento de fronteiras étnicas entre grupos étnicos distintos: *negros* de uma comunidade quilombola que passaram a residir em uma cidade conhecida como de *italianos*. A análise da trajetória de vida de dois migrantes quilombolas que se encontram com a *cidade grande* coloca em cena as muitas redefinições identitárias a que estiveram sujeitos em seus percursos. Ainda,

Abstract: In this paper we intend to inquire about the remaining quilombola community's dwellers' migration in Santa Maria – RS. After these people displace themselves to Caxias do Sul – RS looking for new opportunity of work, for various reasons, they end up coming back their birthplace. It's a study that shows how goes the process of constituting these migrants' identities by establishing ethnic boundaries between distinct ethnic groups, *negroids* from a quilombola community who turn out residing in a city that is known as to belong to *Italians*. The analysis of two migrants life trajectory and some of their *relatives* that meet the *big city* shows the many identities redefinitions to which they are subject in their ways. Furthermore, it is pointed out that these quilombolas are interacting with the *Italianality* that is present in the society.

* Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Santa Maria (UFSM). Professor de Antropologia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). *E-mail:* csmonteiro@ucs.br

** Doutora em Antropologia pela USP. Professora adjunta na UFSM. *E-mail:* zanini.ufsm@gmail.com

analisamos como esses quilombolas estão interagindo com a *italianidade* vigente na sociedade em que vivem atualmente.

Palavras-chave: Migração. Quilombo. Identidade.

Keywords: Migration. Quilombo. Identity.

As reflexões propostas neste artigo são parte de uma pesquisa antropológica realizada por Monteiro (2008, 2011, 2015), na comunidade¹ remanescente de quilombos Arnesto Penna Carneiro, situada em Palma, 8º Distrito do Município de Santa Maria,² Rio Grande do Sul (RS). Durante seis anos, o autor acompanhou³ o processo de politização da identidade social dessa comunidade, que reivindicava o título de “remanescente de quilombos”,⁴ marcado tanto por transformações no plano da identidade coletiva e em seu imaginário social, como também na própria subjetividade de seus moradores. Em decorrência dos trabalhos de campo realizados entre os anos de 2007 e 2012 e de um amplo movimento de mobilização, construído por diversos agentes políticos e, principalmente, pelo Movimento Negro de Santa Maria e pela UFSM desde 2006, os moradores da comunidade tiveram de articular a sua condição quilombola com elementos da tradição e com a constituição de novos sujeitos políticos e de direitos, em um processo de inclusão e visibilidade social, ainda em curso no quilombo. (RUBERT; MONTEIRO; ROSA, 2011).

Entretanto, tal processo é muito recente ante a historicidade dessa comunidade, que sofreu com ações de expropriação de seu território. As difíceis condições encontradas pelos quilombolas, no âmbito da viabilidade de produção (não existiam terras suficientes para esse fim), do mercado de trabalho (com poucas opções de emprego) e da baixa remuneração fizeram com que muitos deles saíssem para “tentar a vida” em regiões distantes do quilombo, não sendo possível que permanecessem no próprio território, com os familiares. Os jovens eram os que mais sentiam a falta de oportunidades, sobretudo por aspirarem a uma “nova vida”, longe do trabalho árduo na lavoura, que, “além de pagar pouco, judiava muito”.

A análise da migração dos moradores de seu território de origem para a cidade de Caxias do Sul,⁵ feita por Monteiro (2015), tratou de compreender o estabelecimento e a manutenção de fronteiras étnicas

entre grupos distintos: *negros* de uma comunidade quilombola situada no meio rural, os quais passaram a residir em uma cidade industrial conhecida como *de italianos*. Ao focar as trajetórias de vida dos quilombolas nas novas relações de trabalho e sociabilidade em Caxias do Sul – RS, o autor refletiu sobre as transformações identitárias acarretadas pela experiência migratória, especialmente, as referentes à maneira como a categoria *quilombola* foi apropriada e utilizada nos contextos interativos fora do espaço comunitário.

A convivência com os quilombolas, durante esse período, se constituiu numa experiência que permitiu a Monteiro (2015) apreender algumas lógicas e valores que permeavam as relações sociais nesse lugar, sobretudo, no que diz respeito à constituição das identidades contrastivas⁶ desses sujeitos, de suas classificações sociais e hierárquicas. Chamavam a atenção as categorias de reconhecimento empregadas pelos quilombolas para se referirem ao *outro*, àquele etnicamente diferente. Tais categorias eram criadas partindo de relações sociais marcadas, muitas vezes, por oposição no que se refere à identidade dos quilombolas: *os gringo*, *os italiano*, *os alemão* eram categorias acionadas para se referirem aos indivíduos de fora da comunidade.

Estranhando tais categorias identificadas por Monteiro (2015) e tentando compreender em que circunstâncias eram produzidas e acionadas, percebemos que a saída dos moradores do quilombo para uma região distante não era casual. Na realidade, existia um significativo fluxo migratório⁷ para a cidade de Caxias do Sul. Assim, neste trabalho, investigamos historicamente tais fluxos, levando em consideração as atribuições étnicas (do próprio grupo étnico)⁸ e suas manifestações em uma cidade tipicamente *de italianos*. Concordamos, nesse sentido, com Barth (2000), quando aponta para o caráter constitutivo das identidades étnicas, que se mantêm pelos adscritivos em fronteiras e suas constantes atualizações.

Nesta pesquisa de caráter qualitativo, optamos por uma etnografia,⁹ dialógica e reflexiva, na qual os pesquisados são concebidos como colaboradores e interlocutores ativos de nosso estudo (FOOTE-WHITE, 2005), e nós, pesquisadores, como sujeitos atentos e vigilantes acerca de nossas construções e apreensões do *outro* (BOURDIEU, 1998). As condições impostas à realização desta pesquisa, por meio dos anos de convívio com os quilombolas e com os que do quilombo migraram, pode ser considerada uma etnografia multissituada (MARCUS, 1995),

por colocar em questão, justamente, o grupo e os indivíduos em diferentes espaços sociais e temporalidades. Procuramos acompanhar o trânsito dos migrantes, de ponta a ponta do processo, conhecendo seus itinerários e trajetórias pessoais.

Residiam em Caxias do Sul, no período do estudo, 13 ex-moradores do quilombo (descendentes diretos dos Penna, que representam a terceira geração, ainda residente na comunidade). Desse total, seis se dispuseram a participar, permitindo acompanhar seu fluxo cotidiano na cidade, e alguns desses informantes possuíam uma rede extensa de parentesco, com esposas, filhos, sogras, primos, etc., que também migraram. Estimamos que viviam na cidade mais de cinquenta indivíduos com diversos graus de parentesco, denominados por eles mesmos de *parentes*. As entrevistas não foram feitas em um roteiro preestabelecido.¹⁰ As perguntas foram realizadas abertamente, incluindo dados sobre a biografia individual do migrante na cidade de origem e na cidade receptora. Cada entrevista durou em torno de uma hora e trinta minutos.

Realizar pesquisa etnográfica em quilombos não é uma tarefa fácil, o que já foi apontado por vários pesquisadores (ARRUTI, 1997, 2005; LEITE, 2000, 2004; O'DOWYER, 2000; MONTEIRO, 2015, entre outros). Leite (2000), em especial, aponta à difícil tarefa de conceituar o que seja *quilombo* ou *remanescente* na atualidade. Os deslocamentos impostos pela carência de recursos, meios de produção e sobrevivência a essas populações implicam reorganizações sociais complexas, que também merecem maior atenção analítica. (RATTS, 2007; JESUS, 2007). Há, ainda, os descompassos entre o que a legislação refere e as historicidades específicas dessas comunidades. Enfim, desafios etnográficos imensos para antropólogos e historiadores.

A migração dos quilombolas para Caxias do Sul nos permitiu traçar alguns paralelos importantes: trata-se de uma migração de jovens, de caráter laboral, envolvendo famílias que sobreviviam da agricultura e da construção civil, cujos homens migraram em um primeiro momento, e a decisão de mudança da família cabia a eles. A modificação do setor de trabalho, a pouca escolaridade e o clima frio foram apontados como as principais dificuldades enfrentadas na cidade de destino. Além disso, todos manifestaram uma profunda vontade de romper com as relações de trabalho anteriores, para buscar outros setores em que pudessem atuar, o que nem sempre foi possível.

A migração dos quilombolas a Caxias do Sul é constituída por uma rede de atração e apoio, fundamental para se compreender os itinerários migrantes, suas escolhas e permanências (ou não) no destino elegido. Entendemos, assim como Tilly (1990), que as redes são constituídas pelos primeiros migrantes, que, após se fixarem, mantêm estreitas relações com o lugar de origem, facilitando e incentivando o processo migratório de outros indivíduos, geralmente parentes e amigos, que fazem uma ponte entre o local de origem e o destino, através de informações sobre trabalho, financiamento para a migração e hospedagem do migrante recém-chegado. Dessa forma, as redes, além de facilitadoras, dão novas configurações ao meio onde esses migrantes se estabelecem, pois, além de seus projetos individuais e coletivos, levam consigo sua identidade étnica. Assim, alguns elementos de identidade do lugar de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto de migração. (TILLY, 1990).

Segundo os próprios interlocutores da pesquisa, o projeto de vida da maior parte dos quilombolas se efetivou de forma exitosa, em Caxias do Sul, possibilitado pela rede de apoio estabelecida entre *os parentes*. Entretanto, por razões diversas, alguns acabaram retornando ao seio comunitário. Por êxito, aqui se compreende a possibilidade de ascensão social e econômica, o que nem sempre justifica a permanência na sociedade hospedeira do migrante. Como ressalta Sayad (1998), a migração é um fato social total, que envolve questões de múltiplas dimensões, devendo sempre ser observada em seu aspecto de translocalidade (APPADURAI, 1997), de trânsitos, de ires e vires, o que implica, sempre, redefinições identitárias complexas. Dessa forma, a análise da trajetória de vida de João Luiz e de Augusto,¹¹ em sua experiência de deslocamento entre Caxias do Sul e o quilombo, tornou evidentes os diversos agenciamentos da vida cotidiana e suas práticas sociais em contextos distintos, bem como nos permitiram entender as motivações que nortearam a decisão de retorno à comunidade quilombola.

Quando nos referimos à noção de trajetória, concordamos com Kofes (2001, p. 27), que entende que o processo de configuração de uma experiência social singular é importante para compreender a trajetória desses migrantes, nas trilhas que ressaltam as experiências sociais dos sujeitos, por meio das narrativas em fluxo e de suas descontinuidades. Elas representam uma possibilidade concreta de perceber que é a partir das narrativas que “ressoam algumas formas de vivência”, a qual “pode

ser presente, passada ou futura, individual ou coletiva, real ou imaginária. São sempre partes constitutivas do pensamento e da realidade, dos sentimentos e das fantasias”, que compõem o imaginário. Com isso, a análise da trajetória (BOURDIEU, 2000; KOFES, 2001) nos permitiu descrever a maneira como grandes processos sociais são vivenciados por indivíduos singulares.¹²

“Aqui é um lugar que tu respira”: de Caxias do Sul para o quilombo

A formação histórica do Município de Caxias do Sul está intimamente ligada à imigração italiana (MACHADO, 2001), e a cidade destaca-se por seu desenvolvimento no setor industrial. (GIRON, 1994; HERÉDIA, 2007). O papel da indústria no município impulsionou não somente o dinamismo econômico, mas também social (CAREGNATO, 2010), contribuindo para que a cidade fosse considerada, nos dias atuais, uma “terra de oportunidades” (MONTEIRO, 2015), local de atração de migrantes oriundos de diversas regiões do País e até de fora dele.

Mocellin e outros (2012) lembram que existiram, em Caxias do Sul, períodos marcados por diferentes processos migratórios. O primeiro, a partir de 1875, que nasceu da política migratória do Império brasileiro, implicou a vinda de imigrantes italianos que povoaram a região de Caxias do Sul. O segundo foi resultado de migrações internas, a partir do desenvolvimento de pequenas indústrias e de relações comerciais regionais intensas, e o último, o período de modernização da indústria, foi reflexo de um modelo desenvolvimentista que estimulou o êxodo rural. Segundo Mocellin (2011), a partir de 1960, se intensificaram as migrações internas para Caxias do Sul. Há dois períodos distintos em que os fluxos migratórios ocorreram consideravelmente: os fluxos dos anos 60-70-80 (séc. XX), oriundos do próprio Estado do Rio Grande do Sul, sobretudo de regiões próximas de Caxias do Sul, como os Campos de Cima da Serra; e os fluxos a partir do final dos anos 1990, provenientes, principalmente, das fronteiras oeste e sul do estado.

Ao analisar a migração e os jogos identitários na cidade de Farroupilha – RS, também na Serra gaúcha, Kanaan (2008) mostra que, juntamente com a motivação maior, o trabalho, aparecem várias outras razões que provocam o deslocamento desses migrantes para Farroupilha, como, por exemplo, a migração de toda a família. Com os

novos migrantes, vieram seus filhos ainda pequenos, posteriormente os seus pais idosos, que saíram de suas cidades de origem depois de terem se aposentado.

Ainda, em seu estudo sobre reciprocidade e redes sociais em Veranópolis – RS, Radomsky (2006) revela que a migração para esse município não se realizou ao acaso, mas foi ancorada em alguma materialidade, isto é, alguma informação, evento ou relação social que permitiu o deslocamento das pessoas. Segundo o autor, o parentesco é um dos atributos que cimentam as ligações entre os atores sociais e fazem a rede social se concretizar. Dos migrantes que chegam a Veranópolis, a maioria é proveniente de Lagoa Vermelha – RS e esses são percebidos como pessoas “que não gostam de trabalhar”. Grande parte reside em um bairro chamado “Segundinha”, composto, em grande medida, por negros e pardos.

Ao saírem do seio comunitário e se estabelecerem na cidade de Caxias do Sul, geralmente em bairros periféricos, os novos migrantes quilombolas iniciavam um processo de inserção em face de novos valores culturais.¹³ A cidade grande, o trabalho na fábrica, que é diferente do trabalho na lavoura¹⁴, o temor à violência, o frio rigoroso, as dificuldades iniciais de adaptação e sobrevivência,¹⁵ as primeiras (boas e más) impressões, além da saudade dos parentes que ficaram eram algumas das condições postas pelo novo contexto de vida.

Percursos de *negros* em terra de *gringos*: narrativas em movimento

Com seus trinta e poucos anos, desde cedo, João Luiz foi acostumado a lidar na agricultura:

Fazer cerca, capinar é o serviço que tem por aqui.

Como o trabalho no campo não “pagava bem”, mudou-se para a região central de Santa Maria, para trabalhar na construção civil. Porém, o setor também não lhe ofereceu oportunidades de crescimento. O convite para “tentar a vida” na Serra foi feito pelos primos que já residiam por lá. Firmada a decisão de migrar, foi por meio deles que João Luiz conseguiu moradia provisória por 15 dias, até que arranjasse um novo local em que pudesse seguir sua vida independente. Conseguiu. A

empresa pela qual foi contratado oferecia moradia aos seus funcionários, afirmou João Luiz

É, eu fiquei muito pouco com eles, sabe... Fiquei uns 15 dias com eles, pois a firma que me pegou já deu casa.

Ele continuou atuando no mesmo setor em que trabalhava em Santa Maria, ou seja, durante cinco meses, trabalhou em uma empresa do ramo de construção civil, em Caxias do Sul. No sexto mês, passou a trabalhar em uma cidade próxima da região, Vacaria – RS, na qual permaneceu por menos de um mês. Retornou para Caxias e, no findar do sexto mês, decidiu voltar para Santa Maria.

João Luiz explicou que os motivos que o levaram novamente à Santa Maria foram de ordem familiar, pois havia deixado sua companheira na terra natal e não conseguiu superar a saudade e a ideia de viver longe dela:

Foi o caso da distância, né...

Além disso, o frio intenso da região e o fato de não lidar bem com o olhar dos *gringos* em relação aos “de fora”¹⁶ (KANAAN, 2008) foram fatores apontados por João Luiz como determinantes em sua decisão de fazer o caminho de volta:

Ah! Pra se adaptar... Foi bastante complicado porque é mais frio, né... As pessoas só no falar assim, de outra cidade uns fica desconfiado assim... Tem umas que ajudam, né... Quando eu fui não levei nada, aí ganhei colchão, já ganhei coberta , tudo, né...

Ele encontrou na solidariedade dos outros migrantes moradores do bairro o apoio necessário para recomeçar sua vida em Caxias do Sul. Quando disse aos primos que gostaria de retornar, não faltou incentivo para que permanecesse, porém, as motivações afetivas e familiares “falaram” mais alto e, então, optou por retornar para perto da esposa Eva, mesmo sabendo que estava abrindo mão de salário maior. No retorno para Santa Maria, trabalhou como pedreiro na construção de

um supermercado, no centro da cidade; depois retornou à comunidade quilombola, desempenhando atividades rurais como *peão*,¹⁷ nas fazendas *dos gringo*.

Entretanto, o desejo de melhorar de vida não acabou com a viagem de retorno. Desde a última vez que migrou para Caxias do Sul, a esposa Eva teve a oportunidade de conhecer a cidade *dos italiano* e aprovou, conforme afirmou o marido:

Agora já temos decidido, ela gostou da cidade.

Quando foi realizada a entrevista, ambos estavam em preparativos para a viagem a Caxias do Sul, e, dessa vez, a saudade gerada pela distância daria lugar à dedicação ao trabalho, para que, juntos, pudessem construir novos projetos de vida.¹⁸ Disse João Luiz:

Falei com o Cezinha e com o outro meu irmão... Ele disse: “se tu quiser voltar, a gente fala lá com meus encarregados, já te encaixo junto se tiver vaga”.

Para além do fato de os irmãos arranjam o emprego, entendemos o termo “encaixe” no sentido de uma pré-disposição dos primos a orientá-lo, oferecendo o auxílio necessário para que consiga “encaixar-se” na nova realidade.

Ainda que muitas vezes as relações entre esses irmãos, primos e parentes, em Caxias do Sul, não fossem de grande proximidade, sobretudo em razão da rotina intensa de trabalho, sempre que havia a intenção de algum “parente” de migrar para Caxias do Sul, os que lá já se encontravam se mostravam dispostos a recebê-los. Nesse processo de adaptação, um papel de grande importância deve ser atribuído aos migrantes já estabelecidos na cidade, que atuam como verdadeiros *guias* para os recém-chegados, instruindo-os na incorporação de hábitos, padrões de comportamento e valores que caracterizam o *modus vivendi*, e cuja autoridade reconhecida provém dos conhecimentos que possuem. (MENEZES, 1976).

Se João Luiz e a esposa estavam com planos de retornar a Caxias do Sul, o mesmo não se pode dizer de um dos primos. Augusto é um

jovem de boa conversa, filho de mãe negra e pai *alemão* (de origem germânica), um dos poucos jovens que ainda continua residindo na comunidade quilombola. Muito religioso, ele migrou para a Serra gaúcha em 2005 e residiu em Caxias do Sul por oito meses, convencido pela propaganda feita por um dos primos.

Augusto: Na verdade, a maioria dos meus primos não queria que eu fosse pra lá. Só tinha o João Batista que queria que eu fosse pra lá. Nós era amigo aqui, nós saía junto. Quando nós ia pra boate, pras coisas assim... Nós era amigo, parceiro, a gente saía junto. Aí ele foi pra lá e ficou sozinho lá...

O incentivo do primo foi importante, mas não decisivo. As dificuldades econômicas ocasionadas pela falta de trabalho, “a falta das coisas”, foi o que determinou a sua saída para “tentar a vida”, conforme salientou Augusto. Podemos afirmar que o trabalho representou a principal motivação desses sujeitos para se deslocarem, mas não o único. Monteiro (2015) entrevistou ex-moradores do quilombo que “vieram para Caxias” com a intenção de permanecer mais próximos dos familiares, o que se caracterizaria como uma migração voltada à manutenção do núcleo familiar. É válido frisar que todos os entrevistados narraram a situação de subalternidade e carência de recursos (dos mais diversos), no quilombo, como explicação motivadora para migração.¹⁹ Augusto, percebendo sua própria situação diante das condições difíceis de vida em que ele e sua família se encontravam, decidiu “ir embora”:

Augusto: Eu fui meio no desespero pra lá. Aqui eu trabalhava na lavoura, na enxada, na lavoura de arroz, e não tinha muito serviço aqui... Então, a gente se apertava muito, passava bastante dificuldade, bastante fome, vivia desnutrido e coisa assim... Eu pensei, eles foram pra lá também por causa disso, porque tava se apertando as coisas por esses lados aqui. Santa Maria, pouco emprego, eles dão emprego pra quem tem bastante estudo e pra quem não tem estudo não dão... Eles foram pra lá e começaram a melhorar, aí eu fui pra lá também... Aqui a coisa tava feia.

Espelhando-se na experiência dos primos que “começaram a melhorar”, Augusto seguiu rumo a Caxias do Sul, mas o início não foi fácil. Diferentemente dos primos, que chegaram e logo encontraram emprego, ele teve que aprender a lidar com a ideia de “viver sozinho”. A “cidade grande” não era como o quilombo. Ali havia outras formas de relacionamento entre os vizinhos, colegas de trabalho e, até mesmo, entre os próprios parentes. Augusto teria que enfrentar esta realidade se quisesse permanecer nela: deslocar-se de uma comunidade quilombola em que imperavam certos valores holistas,²⁰ nos quais a vontade coletiva prevalecia, para se adaptar a uma cidade individualista²¹ e industrializada, em que teria que se orientar pelo seu próprio projeto de vida e expectativas.

Augusto: No início, só ficava em casa, trancado dentro de casa... Fui pra lá e custei a arrumar serviço, passei fome, até mendigar, mendiguei, juntei quanto lixo pra mim comer, de tanta fome que eu passei... Eu era sozinho. Então, eu tenho bastante experiência pra contar, assim como os mais velhos têm na memória e no coração, porque eu sofri. Custei a arrumar emprego, custei mesmo, mas consegui na metalúrgica.

Antes da metalúrgica, ele trabalhava “roçando mato”, a mesma atividade que exercia no quilombo. Depois, foi auxiliar em algumas obras como servente de pedreiro. Mas, assim como os demais parentes que migraram, deu-se conta:

Bah! isso aí não tá certo.

Não queria continuar fazendo o que fez a vida toda em Santa Maria, tinha planos de prosperar: ter um salário digno, direitos e carteira assinada. O percurso de Augusto, no início de sua estadia em Caxias do Sul, foi o mesmo percorrido pelos primos. Entregar currículos, alugar casa para morar, lidar com as despesas do elevado custo de vida nessa cidade, etc.

Augusto: Acho que o começo é meio estranho, né... A gente fica até com receio de conversar com as pessoas e tudo. Eu e meu primo só ficava dentro de casa. Depois eu comecei a estudar lá, me matriculei em um colégio de noite. Trabalhava de dia e estudava de noite. Ele me falava: “Vamos sair, tu só fica em casa”. Aí eu falei para ele: “Não dá muito pra se misturar”. E a gurizada começou a ir lá em casa, e eu morava junto com ele, eu comecei a sair, mas ficava sempre no meu cantão, quieto.

Augusto passou a perceber que só conseguiria sobreviver em uma cidade competitiva se tivesse como romper com sua condição: pouco estudo e oriundo do meio rural. Como havia estudado até a 6ª série do Ensino Fundamental, carecia de recursos básicos: a escrita e a leitura. Poderia, então, atuar em uma empresa do ramo metalúrgico, seu principal projeto de vida, naquele momento?

Augusto: Se eu falasse o estudo que eu tinha, eles não iam me dar o serviço, se eu falasse que tinha a 6ª série, eles não iam me dar... Nem sabia ler, nem escrever direito, depois eu estudei... E lá eu tive que mentir. Perguntaram que série que tu tem e eu mandei outro escrever pra mim que eu tinha o primeiro grau e peguei. E ela [psicóloga responsável pela entrevista] ficou meio assim, ela viu no meu falar [risos]. Mas eu fui levando, ganhei dela na conversa, aí foi... “Tá, nós vamos ficar contigo”, e ficaram. Aí, depois, descobriram lá dentro que eu não tinha o primeiro grau, aí ficou por isso, aí deixaram.

Nessas tramas e enredos cotidianos, Augusto foi encontrando formas para sobreviver naquele espaço social com valores diferentes daqueles a que estava afeiçoado. Entendemos, nesse sentido, que o fato de “ter que mentir” para conseguir a vaga de trabalho pode ser entendido como uma estratégia,²² que possibilitou a garantia de vaga. Na metalúrgica, Augusto atuou como auxiliar na organização de peças e no setor de pinturas, assim como aprendeu técnicas de soldagem. Comentou que os chefes admiravam sua versatilidade e comprometimento com o trabalho. No mesmo momento em que estava adquirindo novos conhecimentos técnicos, importantes para o seu crescimento profissional

e conquistando o respeito dos colegas da empresa, passou a se relacionar com os jovens do bairro e a dominar certos códigos sociais. Mas esse domínio não foi suficiente para evitar que novas companhias o levassem a conhecer tortuosos caminhos, que, mais tarde, ele amargamente se arrependeu de ter conhecido:

Augusto: Eu era uma pessoa muito briguenta. Se tu me dissesse uma coisa, já tava caído. Não tinha muita conversa comigo. Às vezes, tava todo mundo no bolo, a gurizada me tirava pra bobo, eu dizia assim pra eles: “Oh! Tu tá falando isso porque tu tem todos eles do teu lado e eu tô sozinho aqui. Eu não vim aqui pra brigar, eu tô aqui pra me divertir com a gurizada e tu tá querendo briga”. Aí eu me ‘bandiei’ pra má-companhia. Eu não ia dizer: “Não, eu tô fora”. Aí eu comecei a brigar e coisa e aí viram que eu era mais ou menos, daí quando precisavam de alguma coisa começaram a me chamar, pra não deixar os amigos da gente mal, né...

Segundo Augusto, a maneira que encontrou para ser aceito no grupo de amigos foi brigando, ou seja, apresentando seu lado mais combativo socialmente. O episódio que o jovem guardava na memória, e que a comunidade contava como um exemplo a não ser seguido pelos que migravam para Caxias do Sul foi uma briga envolvendo ele e outros quatro rapazes. Augusto relatou que, na época, em virtude das pancadas que sofreu durante o confronto, acabou indo parar no hospital.

Augusto: Fui defender a casa dele [Cezinha], e o irmão dele tinha uma guriazinha. Tinha uns quatro lá atirando pedras. Daí eu falei pros caras: “Olha o respeito, tem uma guriazinha lá dentro, vocês não tão vendo?”. E eu fui nos caras, eles tavam em quatro e eu tava sozinho, aí eu fazia assim pra eles: “Respeitem o cara lá, o meu primo tem a mulher dele, as crianças...” [...]. Fui defender os amigos... Aí entrei na briga. [...] Contra os quatro. Os quatro com porrete na mão. Aí eu me botei neles e eles já saíram me acertando, os outros vieram, mas daí não adiantava, eu caí no chão, assim, de rosto, no asfalto, com uma paulada assim no lado da cabeça e outra na nuca e eu já caí desmaiado no chão. [...] Fui pro hospital, tava trabalhando na firma [...], soro na veia, só soro na veia, fiquei lá

desmaiado. [...] Nem quiseram falar pra mãe... Depois a mãe descobriu, ligaram pra lá. Daí a mãe queria ir pra lá... E daí tava meio morto na cama, só no soro, sem falar nada, sem conhecer ninguém.

Esse episódio da briga era contado pelos “parentes”, no quilombo, quando queriam se referir à violência de Caxias do Sul e ao que de ruim a “cidade grande” poderia reservar. Quando se recuperou das lesões e, finalmente, voltou a trabalhar, passou a sentir uma série de tonturas que, além de comprometerem o seu rendimento, poderiam vir a ocasionar uma série de incômodos trabalhistas à empresa. Essa, então, decidiu dispensá-lo. Augusto, sem emprego e com problemas de saúde, decidiu retornar para o quilombo.

Mas, certamente, o jovem que retornou não foi o mesmo que partiu em 2005. Atualmente, Augusto é evangélico, convertido há mais de seis anos à Igreja *Deus é Amor*. Ele repensou sua vida e suas atitudes. A sua linguagem, expressão e comportamento não lembram em nada o jovem considerado de personalidade difícil. Augusto é parte de uma ampla redefinição identitária religiosa que envolveu toda a comunidade quilombola Arnesto Penna Carneiro, nos últimos dez anos,²³ e isso serviu de exemplo, principalmente, para a geração que, atualmente, ocupa aquele território, bem como para os quilombolas que migraram para Caxias do Sul.

Augusto: Hoje eu tô na realidade. Aí mudou o negócio. Eu vim pra cá com fé em Deus e coisa assim... Eu ia na Igreja aqui, como visitante. Lá me afirmei. [...] Lá em Caxias eu me afirmei com Deus... Lá na metalúrgica foi Deus que abriu, tem coisas que Deus faz, a psicóloga não queria me botar lá. Deus confunde a cabeça do homem pra abençoar outra pessoa, confunde a cabeça da mulher, pra abençoar aquele homem. É Deus que sabe... Quem é mais que pode parar o sol? Ninguém... Podemos até parar, mas tem que tá muito bem com ele, tem que ser uma pessoa santificada, santa mesmo...

A conversão religiosa “colocou” Augusto “no mundo”: “Hoje eu tô na realidade.” Foi por meio da experiência religiosa que ele passou a

contar e recontar a sua vida. Oro menciona Prandi, que afirma que “cerca de um quarto da população adulta já experimentou o sentido de adesão a uma religião diferente daquela em que se nasceu...” (PRANDI apud ORO, 1996, s.p.). Segue o autor:

O processo de conversão é mais acelerado, isto é, atrai cada vez mais gente, entre as denominações evangélicas, capitaneadas pelo Pentecostalismo [...]. A conversão está associada em grande medida à pobreza e à marginalidade social, exceto para o caso do catolicismo. (1996, s.p.).

A lógica da conversão e do trânsito religioso que envolveu a comunidade quilombola, levando em consideração as colocações feitas por Oro (1996), está relacionada às condições e ao estilo de vida que preponderavam antes da entrada da Igreja (realidade de brigas, vícios e pobreza extrema). Atualmente, a maior parte da comunidade é evangélica, e os poucos moradores ainda não convertidos, geralmente, frequentam, por livre-vontade, cultos e vigílias religiosas. Todos os quilombolas reconhecem a atuação positiva da Igreja no que se refere à melhoria da qualidade de vida e das relações sociais naquele contexto. Pudemos perceber que os valores enaltecidos e difundidos pela Igreja são reproduzidos nas experiências religiosas desses migrantes em Caxias do Sul. A religião permanece entre eles como um vínculo estabelecido com o território de origem; serve como meio de ligação com os “parentes”, faz com que lidem melhor com a saudade “dos nego véio”, enfim, os conforta na distância, ordena a realidade e os faz seguirem em frente.

Como já havíamos mencionado, Augusto é filho de *mãe negra* e *pai alemão* e carrega características fenotípicas do pai: pele branca e cabelos quase loiros. Dos entrevistados, ele foi o único que não relatou algum tipo de episódio envolvendo discriminação racial no período em que residiu em Caxias do Sul.

Augusto: Essa aí eu não tenho assim visão dessa parte aí não, sei lá, em Caxias as pessoas se davam bem lá comigo, bem mesmo assim... Vinham e conversavam comigo do nada. Tinha comprado uma cuia e uma térmica e ficava tomando o meu mate sozinho, aí vinham as pessoas...

Ao perguntarmos se ele percebia o preconceito sofrido pelos “parentes”, disse que não, “só ouvia os outros comentar”. Mas por carregar traços de homem branco, Augusto poderia ser considerado um quilombola? Não seria contradição em termos conceituais e de reconhecimento? Quando pesquisamos grupos sociais, percebemos a complexidade que envolve sua constituição e que está presente, também, em nossas análises sobre os grupos. Nós nos perguntávamos se o fato de ser ele um quilombola e ser branco mudaria a maneira como nós analisaríamos sua trajetória de vida. Entendemos que Augusto fazia parte de uma comunidade étnica que compartilhava historicamente valores e comportamentos, e que, do ponto de vista analítico, as categorias antropológicas são polissêmicas, pois elas surgem da própria realidade social, que é, igualmente, complexa e contraditória. No entanto, tais categorias deveriam ser problematizadas, de forma que pudéssemos repensar constantemente o próprio conceito de quilombola.²⁴

Ao perguntarmos a Augusto se tinha planos de voltar para Caxias do Sul, ele respondeu:

É, eu tenho no meu coração, eu digo pra Deus que pra Caxias eu não queria nunca mais voltar pra lá... Eu peço a Deus que me sustente primeiro aqui... Aqui é um lugar bom de morar, aqui é um lugar que tu respira”.

Quando o jovem diz “aqui é um lugar que tu respira”, está acionando uma série de representações de dois universos sociais opostos: mundo rural e urbano, formas de se perceber, se relacionar, que se cruzam e se confrontam.

As regras rígidas de controle sobre o processo produtivo impostas pelo capitalismo contrastam com a ideia anterior que os quilombolas possuíam do trabalho na terra, como mais autônomo do que o trabalho nas fábricas. A categoria *tempo*, representada pela metáfora do ar, sugere que havia, em Caxias do Sul, maior pressão e controle sociais sobre esses indivíduos. Como ressalta Foucault (1997), o modo de produção capitalista e o trabalho na fábrica impõem certa disciplina sobre o corpo. Esse corpo, ali expresso em um ambiente fabril, não respiraria. No quilombo, na relação de trabalho com a terra, ao contrário, há o ar, e se pode respirar.

Considerações finais

Ao seguirmos os passos de José Luiz e Augusto entre a Serra gaúcha e o quilombo, percebemos que o mundo do trabalho e suas possibilidades apresentaram-se como uma forma de ascensão social, tendo refletido sobre a redefinição de sua trajetória de vida. Ao se estabelecerem em Caxias do Sul, esses quilombolas passaram a redimensionar sua vida de maneira significativa. O trabalho no campo, que era diferente daquele na indústria, o aprendizado de novas técnicas de trabalho, as impressões e os temores enfrentados na adaptação ao novo contexto, as estratégias encontradas para contornar as dificuldades do dia a dia foram algumas das transformações identitárias acarretadas pela experiência de migração.

No encontro com a “cidade grande”, os quilombolas desenvolveram estratégias para se estabelecerem na “terra das oportunidades”. Mantinham vínculos de pertencimento com o território quilombola, principalmente através da religiosidade e das visitas anuais ao quilombo. O retorno definitivo à comunidade, que distinguia os projetos que “deram certo” daqueles que não deram, mostrou que os solteiros tinham mais dificuldades de adaptação à nova realidade, e que a família, nesse sentido, representava um diferencial que facilitava a permanência deles.

É possível dizer que a experiência de migração representou um *antes* e um *depois*. A comunidade quilombola e a vida em Santa Maria eram colocadas em comparação com a nova realidade vivenciada em Caxias do Sul. Se o projeto de migração não fosse exitoso, eles sabiam para onde retornar, em pensamento ou em direção.

Nas duas trajetórias de vida analisadas, percebemos que o sentimento de pertencimento ao território de origem é comum entre os migrantes, e a comunidade quilombola Arnesto Penna Carneiro continua servindo como referência às experiências desses indivíduos em Caxias do Sul. João Luiz e Augusto ressaltaram as motivações próprias que os levaram a migrar, assim como as diversas estratégias encontradas para lidar com os imponderáveis no novo espaço social. Mas, em caso de arrependimento ou conflito, comuns em qualquer trajetória migrante, o território quilombola permanecia como um lugar de referência, pertencimento e memória.²⁵ O que reforça, como já assinalado por Sayad (1998), o quanto a migração é um fenômeno aberto, complexo e rico em suas múltiplas interfaces, e poder retornar é sempre uma possibilidade de conforto e de estabilidade social mínima. A concepção de retorno também é algo muito complexo, pois envolve construções valorativas sobre o processo

migratório, o que, por vezes, afeta as construções pessoais acerca de si mesmo como sujeito social.

Notas

¹ As categorias *comunidade*, *comunidade quilombola* ou *quilombo*, utilizadas neste artigo, referem-se ao mesmo objeto de pesquisa: a comunidade quilombola Arnesto Penna Carneiro, localizada em Santa Maria – RS.

² A cidade de Santa Maria se localiza na Região Central do RS e tem como um de seus distritos o de Palma, que está situado no extremo oeste do município, fazendo fronteira com Restinga Sêca. É no 8º Distrito, Palma, que está situada a comunidade de remanescentes quilombolas Arnesto Penna Carneiro. Localizado nas planícies aluviais da Depressão Central do RS, o quilombo encontra-se numa região ocupada por médias propriedades que utilizam os recursos do solo fértil e da água para a produção de arroz irrigado. Atualmente, a comunidade ocupa uma área em torno de 1,5 hectare, onde residem, mais ou menos, 70 habitantes, divididos em 13 residências Grupo de Pesquisa em Educação e Território (Gepet), da Universidade Federal de Santa Maria – Relatório Antropológico da Comunidade Arnesto Penna Carneiro, 2008).

³ Monteiro desenvolveu atividades como bolsista (curso de Ciências Sociais) no projeto “Técnico de Identificação e Delimitação”, numa parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). As atividades visavam à construção de um

laudo antropológico, no sentido de reconhecer direitos aos descendentes de escravos do quilombo. Zanini orientou Monteiro durante o desenvolvimento de toda a pesquisa.

⁴ A expressão “comunidade remanescente de quilombos” passou a ser difundida, no Brasil, no final da década de 1980, significando áreas territoriais onde viveram africanos e seus descendentes, no período de transição que culminou com a abolição da escravatura, em maio de 1888. Também descreveu um processo de cidadania incompleto e um anseio por ações em políticas públicas, visando garantir os direitos territoriais dos descendentes de africanos. (BOAVENTURA; FERNANDES, 2006, p. 9).

⁵ É a cidade com maior número de habitantes da região, cerca de 435.564 (IBGE, 2010). É nela que se concentra o maior número de empresas do polo metal-mecânico gaúcho. (MOCELLIN, 2011).

⁶ Segundo Oliveira (1976), as identidades devem ser analisadas sob um ponto de vista relacional, pois é dessa maneira que elas se reconhecem e são reconhecidas. Ainda, nenhum estudo de identidade étnica pode ser cabalmente realizado sem referência expressa à condição de existência geradora da identidade focalizada, ou seja, as identidades somente serão inteligíveis se forem referidas ao sistema de relações sociais que lhes deu origem. (OLIVEIRA, 1976, p. 50-51).

⁷ Entendemos a noção de migração na perspectiva de Póvoa Neto (2007). Segundo o autor, os discursos sobre a migração e suas variadas interpretações colocam em cena trabalhadores e sua localização espacial, de modo que essa questão tem um sentido social muito mais amplo do que simplesmente o da existência de fluxos migratórios no espaço geográfico. Para Neto, é preciso estar atento às propostas e à efetivação de políticas migratórias no Brasil, bem como à categoria trabalho, decisiva para se pensar a constituição de processos estruturais ou de dimensão-chave de processos sociais. (PÓVOA NETO, 2007).

⁸ Na perspectiva de Barth (2000, p. 32), os grupos étnicos são atributivos e identificadores, empregados pelos próprios atores, tendo como origem organizar as interações entre os indivíduos de determinados grupos. Nesse sentido, “a atribuição de uma categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, determinada, presumivelmente, por sua origem e circunstâncias de conformação”.

⁹ Nos moldes propostos pela Antropologia, principalmente, por Geertz (1982), apresenta-se como eixo de sustentação que permitiu pensar a respeito dos significados produzidos por diferentes grupos.

¹⁰ Monteiro esquematizou um roteiro prévio, mas, quando foi aplicá-lo, percebeu que os informantes sentiam-se mais confortáveis para falar sem que ele fizesse perguntas prontas e diretas (em tom mais formal). Geralmente, iniciava as entrevistas falando sobre os acontecimentos da semana, sobre como havia sido o dia no trabalho e o clima em Caxias do Sul (em especial nos dias mais frios).

¹¹ João Luiz é o nome real do primeiro informante. Preferimos utilizar pseudônimo para o segundo, devido à tematização de

alguns assuntos que poderiam vir a prejudicá-lo.

¹² Souza (1980) lembra que os fenômenos migratórios não devem ser entendidos simplesmente como um hábito ou um instinto congênito do povo brasileiro; devem ser interpretados como resultantes das transformações sociais do País.

¹³ O deslocamento dos migrantes direciona-se a uma vida de operários, em uma trajetória de “desnudamento”, ao se verem desligados de sua condição de existência anterior (LOPES, 1988), para se inserirem em uma sociedade na qual as formas de produção são realmente de outra ordem, qual seja, a produção fabril.

¹⁴ Segundo Herédia (1997, p. 166), para os camponeses que migram para as cidades, o assalariamento fabril representa “certa garantia por não oscilar como o trabalho agrícola, devido às perdas de safras, clima e intempéries”.

¹⁵ Sobre o urbanismo como forma de organização social, Wirth (1938) diz que os traços próprios do modo de vida urbano têm sido descritos sociologicamente como constituindo a substituição de contatos primários por secundários, o enfraquecimento dos laços de parentesco e o declínio do significado social da família, o desaparecimento da vizinhança e a corrosão da base tradicional da solidariedade social. O autor lembra, ainda, que a desorganização pessoal, o esgotamento nervoso, o suicídio, a delinquência, o crime, a corrupção e a desordem social poderão prevalecer mais na comunidade urbana que na rural.

¹⁶ Tal categoria era recorrente para designar indivíduos não naturais de Caxias do Sul. Conforme destaca Elias (2000), os *outsiders* são vistos como anômicos, pois o contato com eles é percebido como desagradável, pelo fato de não compartilharem das mesmas normas e dos mesmos tabus seguidos

pelos já estabelecidos. Dessa forma, os *outsiders* representam certa ameaça à ordem do grupo estabelecido.

¹⁷ Refere-se ao trabalho temporário no setor de agricultura, geralmente sem carteira assinada.

¹⁸ A busca constante de melhores condições de vida, nessa sociedade, só pode se manifestar no deslocamento geográfico, que procura aproveitar as variações regionais em uma situação, em geral, insatisfatória. Em uma cultura de mínimos vitais, qualquer variação nas condições de trabalho, expressa em diferenças de clima ou de solo ou, mesmo, em variantes de benevolência ou severidade do patrão, frequentemente, resulta na diferença fundamental entre a subsistência e a fome. Esse é o fator que torna a mobilidade uma característica tão generalizada da vida rural brasileira. (DURHAM, 1984).

¹⁹ Possibilidade de salários elevados, de assistência médica, de instrução para os filhos são “vantagens” oferecidas pela cidade. No campo, ao contrário, não há instituições das quais o trabalhador rural possa se beneficiar nem recursos culturais que lhe permitam criá-las. (DURHAM, 1984).

²⁰ Quando o indivíduo constitui valor supremo, fala-se de individualismo; no caso oposto, em que o valor se encontra na sociedade como um todo, fala-se de holismo. (DUMONT, 1985).

²¹ Certa vez, um dos “parentes” de Augusto que residia em Caxias do Sul mostrava-se preocupado, pois o filho adolescente havia se inserido no grupo dos jovens do bairro e pedido de presente para o pai um boné de uma marca determinada. Todavia, o preço fugia do orçamento familiar, e o pai mostrava-se angustiado com a decisão de comprar (ou não) o boné. Podemos dizer que os valores da “cidade grande” e de um estilo de vida urbano estavam sendo inseridos no contexto familiar e provocavam

uma série de transformações na identidade desses sujeitos.

²² De acordo com Certeau (1994), as estratégias podem ser entendidas como um cálculo de relação de forças que um sujeito detentor de algum tipo de poder, por essa via, empreende na tentativa de postular um lugar capaz de ser circunscrito como próprio e, portanto, capaz de servir de base à gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.

²³ A comunidade passou, na última década, por uma redefinição identitária centrada na questão religiosa, ou seja, houve um trânsito religioso: de católicos tornaram-se neopentecostais.

²⁴ Relembramos um diálogo com um líder religioso da comunidade quilombola, o qual falava de uma conversa que teve com um amigo. Ele queria entender por que, no quilombo, não havia a prática de cultos afros, já que se tratava de uma comunidade composta por negros. O senhor, então, respondeu: “É, talvez, porque nós sejamos diferentes dos demais”. A cultura, entendida como um processo que está em constante construção, por meio de interações sociais, faz-nos entender que certas concepções tentam “engessar” formas culturais em tipos ideais de representação social, ou seja, o fato de ser uma comunidade de negros, por essa lógica, deveria vinculá-la a certas práticas culturais (religiosas) que estivessem de acordo com as da “cultura africana” (na sociedade brasileira, há uma série de estereótipos genéricos acerca dos *africanos*, em especial, os relacionados à questão religiosa, que associa *os negros*, exclusivamente, a cultos denominados *afro*). Todavia, isso não faz sentido quando verificamos que ser neopentecostal e negro é possível. O significado que ambas as categorias assumem, naquele contexto social, não as torna excludentes entre si; pelo contrário, são condizentes com a forma de concepção de mundo daquelas pessoas.

²⁵ São espaços simbólicos que sintetizam, materialmente, pertencimentos de grupos,

sejam eles étnicos, sejam eles nacionais, sendo constituídos *por* e constitutivos *dessas* memórias. (NORA, 1993).

Referências

- APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, p. 33-46, 1997.
- ARRUTI, José Maurício P. A emergência dos remanescentes: notas para um diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997.
- _____. Etnografia, história e memória no mocambo: notas sobre uma situação de perícia. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: Nuer; ABA, 2005. p. 113-116.
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-191.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- FOOTE-WHITE, W. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- GIRON, Loraine Slomp. *Presença africana na Serra gaúcha: subsídios*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2009.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da zona italiana: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educus, 1997.
- JESUS, Mônica Ramos de. *Migração quilombola: território e identidade: estudo preliminar de migrantes Kalungas no Distrito Federal*. 2007. 84 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UnB, Brasília, 2007.
- KANAAN, Beatriz Rodrigues. *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. 2008. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.
- _____. Questões éticas da pesquisa antropológica na interlocução com o campo jurídico. In: VICTORA, Ceres et al. (Org.). *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: EduFF, 2004. p. 73-77.
- _____; FERNANDES, Ricardo Cid. Fronteiras territoriais e questões teóricas: a antropologia como marco. *Nuer, Boletim Informativo Quilombos no Sul do Brasil*, Florianópolis, Nuer/UFSC, n. 3, 2006.
- LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade dos chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995. Disponível em: <www.periodicosapes.org.br>. Acesso em: 14 maio 2015.
- MENEZES, Cláudia. *A mudança: análise de um grupo de migrantes*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: INL, 1976.
- MOCELLIN, Maria Clara. Fluxos migratórios de migrantes urbanos em Caxias do Sul-RS. In: DUTRA, Delia; MARINUCCI, Roberto; SANTIS, Terezinha (Org.). *Vidas em trânsito: mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos*. Brasília: CSEM, 2011.
- _____; GONÇALVES, M.; HERÉDIA, V. Migrantes da fronteira: entre dois mundos. *MÉTIS: História & Cultura*, v. 11, n. 22, p. 141-159, jul./dez. 2012.
- MONTEIRO, Cristiano Sobroza. *Memória, identidade e territorialidade: uma etnografia no quilombo*. 2008. 67 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – UFSM, Santa Maria, 2008.
- _____. In: MELO, Ana Lúcia Aguiar et al. *“Palmas” para o quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.
- _____. *Do quilombo à Serra: migração, identidade e alteridade no RS*. Santa Maria/RS: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2015.
- MOREIRA, Roberto José. *Terra, poder e território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. *Revista Palmares*, Brasília, DF, n. 5, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORO, Ari Pedro. Modernas formas de crer. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 48., 1996, São Paulo. *Anais...* São Paulo, de 7 a 12 jul. 1996.
- PÓVOA NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. In: HEIDEMANN, Heinz Dieter; SILVA, Sidney Antônio da (Org.). *Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais*. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 45-56.
- RATTS, Alecsandro J. P. Entre quilombos no litoral, no sertão e na Amazônia: memórias de negros migrantes. In: HEIDEMANN, Heinz Dieter; SILVA, Sidney Antônio da (Org.). *Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais*. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 261-270.
- RADOMSKY, Guilherme Francisco Watterloo. *Redes sociais de reciprocidade: as bases histórico-sociais do desenvolvimento na Serra gaúcha*. 2006. 205 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.

- RUBERT, Rosane Aparecida; MONTEIRO, Cristiano Sobroza; ROSA, Raonida. De Rincão dos Negrinhos a Recanto dos Evangélicos: a comunidade quilombola Arnesto Penna Carneiro: mutações identitárias e (des)territorializações. In: MELO, Ana Lúcia Aguiar et al. "*Palmas*" para o quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 101-274.
- SAYAD, Abdelmaleck. *A Imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SANTOS, Miriam de Oliveira; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Especificidades da identidade de descendentes de italianos no Sul do Brasil: breve análise de Caxias do Sul e Santa Maria. *Antropolítica*, Niterói, n. 27, p. 21-41, 2009.
- SOUZA, Itamar de. *Migrações internas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-Mc LAUGHLIN, Virginia (Ed.). *Immigration Reconsidered*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1938. p. 90-113.

